

Congresso
“O DOENTE CRÓNICO E A SAÚDE COMUNITÁRIA”
25 e 26 de Novembro de 2009

COMUNICAÇÃO: Idadismo

Autores:

- Carlos Pires Magalhães*
- Adília Maria Pires Silva Fernandes*
- Celeste da Cruz Meirinho Antão*
- Eugénia Maria Garcia Jorge Anes*

* ESSa/Instituto Politécnico de Bragança - Avenida D. Afonso V - 5300-121 Bragança

Até aos finais da primeira metade do século XX não houve praticamente produção científica, nomeadamente estudos de investigação sobre a percepção da imagem do envelhecimento, da velhice e da pessoa idosa, parecendo acompanhar o adormecimento da Psicologia referente à idade adulta e à velhice, contrastado pelo excelente desenvolvimento das Psicologias referentes à infância e à adolescência. É somente a partir desse período, impulsionado pela pressão social e demográfica, bem como pelo crescente número de trabalhos de investigação acerca do envelhecimento, que surge um aumento do número de investigações no âmbito do estudo das percepções/estereótipos acerca das pessoas idosas. Os estudos científicos que abordaram os estereótipos acerca dos idosos, realizados essencialmente desde o final da primeira metade do século passado, revelaram maioritariamente durante várias décadas o predomínio injustificado de uma imagem negativa acerca do envelhecimento e acerca das pessoas idosas, como referido por Marín, Troyano e Vallejo (2001). A expressão de preocupação e de contestação para com estas erróneas generalizações tomara maior visibilidade a partir da II Assembleia Mundial para o Envelhecimento realizada pela ONU na cidade de Madrid, em Abril de 2002, de onde surgiria um Plano de Acção Internacional (Nações Unidas, 2002) com o intuito de se promover uma imagem positiva do envelhecimento, bem como de promover um maior reconhecimento público da autoridade, da sabedoria, da produtividade e outras contribuições importantes das pessoas idosas. Também em Portugal, os estudos efectuados mais recentemente neste âmbito apontam para a persistência de alguns destes estereótipos negativos (Magalhães, 2003). Tais estereótipos, visivelmente veiculados presentemente por alguns profissionais de saúde, não passam de falsas concepções, na medida que negam a enorme heterogeneidade que caracteriza o processo de envelhecimento e que está presente, mesmo quando nos reportamos a grupos etários de idade avançada. Atendendo que, com frequência os estereótipos negativos levam a atitudes negativas e as atitudes negativas suportam estereótipos negativos, urge alertar a sociedade e em especial os profissionais de saúde para este fenómeno, na medida em que estas podem traduzir-se em barreiras à funcionalidade dos idosos, pois influenciam negativamente o status social do ser-se idoso. Num estudo elaborado por Montorio, Trocóniz, Colodrón e Losada (2002), verificou-se uma relação significativa entre os estereótipos dos cuidadores acerca das pessoas idosas e as suas atribuições para com o familiar de idade avançada que cuidam. A maior intensidade de relação ocorreu ao nível das atribuições de afecto negativo tolerável, verificando-se que quando os cuidadores categorizam os idosos como doentes, débeis e incapazes de se auto-valerem, frequentemente percebem estes mesmos termos acerca do idoso que cuidam. Por outro lado, verificou-se uma relação significativa entre as imagens dos cuidadores acerca das pessoas idosas e o bem-estar dos idosos que cuidam. A partir dos resultados encontrados os autores assumem a existência de uma relação entre os estereótipos negativos da velhice e as condutas de superprotecção. Condutas que contribuem para atrofia e conseqüentemente para um aumento da dependência, que por sua vez reforçam a imagem negativa do cuidador acerca desta. Por outro lado os estereótipos podem resultar em idadismo. O termo idadismo (*ageism*) foi introduzido em 1969 por Butler (1969, p.243), definindo-o como um processo de “estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por elas serem idosas, da mesma forma que o racismo e o sexismo o fazem com a cor da pele e o género”.

Para Palmore (1999), o idadismo traduz um preconceito ou uma forma de discriminação, contra ou a favor a um grupo etário. A discriminação pode ocorrer de uma forma pessoal por indivíduos ou institucional, traduzido pela discriminação para com os idosos, resultante da política de uma instituição ou organização. Para este autor, as principais consequências que podem resultar do idadismo são:

- a discriminação no emprego – recusa de contratação e promoção dos trabalhadores mais velhos, em prole da aceitação preferencial e promoção dos trabalhadores mais jovens;

- a aceitação da imagem negativa – as vítimas de preconceitos e discriminação tendem adoptar a imagem negativa do grupo dominante, comportando-se de acordo com a mesma. Desta forma, determina-se o que o idoso deve ou não fazer, podendo acarretar distintos custos pessoais, levando-os por exemplo a evitar as relações sexuais, novas ideias, a serem improdutivos, conduzindo-os à conformidade social para com os estereótipos negativos do idadismo. Por sua vez, esta conformidade pode resultar na redução da auto-estima, das suas habilidades pessoais, bem como induzir a deterioração da sua saúde física e mental.

Alves e Novo (2006) desenvolveram em Portugal um estudo utilizando um instrumento de avaliação do idadismo elaborado por Palmore (2001) com 324 indivíduos com idades superiores a 60 anos, residentes em diversas localidades do distrito de Braga, Porto e Lisboa, institucionalizados em lares ou centros de acolhimento para a terceira idade (24% da amostra) e não institucionalizados (76% da amostra). Os resultados revelaram que uma parte significativa da amostra foi vítima de idadismo. As ocorrências mais relatadas reportam-se ao nível dos cuidados de saúde (nas relações interactivas com os profissionais desta área) e noutros contextos em que os interlocutores pressupõem que os idosos possuem dificuldade de audição e de compreensão. Quanto à discussão relativa à elevada discriminação sofrida por parte dos profissionais de saúde, apesar da formação científica, podem revelar igual ou maior quantidade de estereótipos que as pessoas comuns. Segundo os autores, uma explicação plausível assenta no facto destes “lidarem muito mais com a patologia do que com o envelhecimento normal e, na medida em que quando contactam pessoas idosas elas têm patologia, por mecanismos básicos associam à velhice a expectativa de um conjunto de patologias” (p. 74).

Estratégias de combate à discriminação devido à idade estão referenciadas há longa data na literatura científica da área e muito antes de surgir propriamente o conceito de idadismo, contudo os estudos recentes demonstram que é necessário investir cada vez mais nesta área, assim é primordial antes de mais combater os estereótipos de orientação negativa que teimosa e injustificadamente se mantêm na sociedade actual, bem como pela prevenção da reactivação dos mesmos, nesse sentido Magalhães (2008) sugere:

- 1 - ao nível político-social, a elaboração e implementação de um Plano Nacional Gerontológico que contemple: a promoção da imagem positiva do ser-se idoso, da velhice; a promoção e a utilização do elevado potencial de contribuição dos idosos como membros de uma sociedade, destacando os seus valores, a sua experiência de vida, a sua sabedoria, entre outros; a promoção dos benefícios de uma saudável relação entre gerações; a promoção do espírito de solidariedade entre gerações;

- 2 - maior difusão através dos *mass media* de medidas que promovam as imagens positivas acerca do envelhecimento, bem como o maior reconhecimento público da autoridade, da sabedoria, da produtividade e outras contribuições consideradas de extrema importância acerca das pessoas idosas, como é preconizado pelo Plano de Acção Internacional, emanado em 2002 pelas Nações Unidas;

- 3 - alteração da actual forma de difusão por parte da maioria dos *mass media* (TV, rádio, internet, jornais, entre outros), no sentido de incluir, divulgar e destacar nas suas mensagens a heterogeneidade (variabilidade interindividual) e a multi-direccionalidade próprias de qualquer grupo de idosos, sem utilizar conteúdos discriminatórios;

- 4 - envolvimento da comunidade científica na abordagem de distintas temáticas gerontológicas/geriátricas, quer através dos *mass media*, quer através da realização de fóruns, jornadas, **congressos**, entre outros, pois desta forma **desmistificam-se as concepções erróneas e injustificadas e credibiliza-se a veiculação da informação**.

Referências Bibliográficas

- Alves, J.F., & Novo, R.F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, (6), 65-77.
- Berger, L., & Mailloux-Poireier, D. (1995). Pessoas idosas – uma abordagem global. Lisboa: Lusodidactica.
- Butler, R.N. (1969). Ageism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.

- Costa, M.A. (1998). *Enfermeiros: dos percursos de formação à produção de cuidados*. Lisboa: Editora Fim de Século.
- Instituto Nacional de Estatística (2005). *Dia Internacional do Idoso*. Consultado em 2 de Janeiro de 2006, em Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt/prodserv/destaque/2005/d050928/d050928.pdf>
- Magalhães, C. (2003). *Representação Social da Velhice em Enfermeiros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, apresentada à Universidade Fernando Pessoa. Porto.
- Magalhães, C. (2008). *Estereótipos Acerca das Pessoas Idosas em Estudantes do Ensino Superior, no Distrito de Bragança*. Tese de Doutoramento em Gerontologia Social, apresentada à Universidade de Extremadura. Badajoz.
- Marín, M., Troyano, Y., & Vallejo, A. (2001). Percepción Social de la Vejez. *Revista Multidisciplinar de Gerontología*, 11 (2), 88-90.
- Montorio, I., Trocóniz, M.I.F., Colodrón, M.S., & Losada, A. (2002). Dependencia y autonomia funcional en la vejez. La profecía que se autocumple. *Revista Multidisciplinar de Gerontología*, 12 (2), 61-71.
- Nações Unidas (2002). *Informe de la Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento*. Consultado em 10 Fevereiro de 2007, em Nações Unidas: <http://www.un.org/spanish/envejecimiento/documents.htm>
- Palmore, E. B. (1999). *Ageism. Negative and Positive* (2.^a ed.) New York: Springer Publishing Company, inc.
- Palmore, E. (2001). The ageism survey: first findings. *The Gerontologist*, 41(5), 572-575.